



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ
COLEGIADO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS.**

STEFANI DA SILVA OLIVEIRA

**VERSOS QUE DENUNCIAM: O NORDESTE É A PESTE E O RAP É
LITERATURA**

**CAETITÉ – BA
2025**

STEFANI DA SILVA OLIVEIRA

VERSOS QUE DENUNCIAM: O NORDESTE É A PESTE E O *RAP* É LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Ciências Humanas Campus VI, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Me. Rogério Soares Brito

**CAETITÉ – BA
2025**

STEFANI DA SILVA OLIVEIRA

**VERSOS QUE DENUNCIAM: O NORDESTE É A PESTE E O RAP É
LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia com nota: 9,5.

Caetité, 10 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Rogério Soares Brito

Prof. Me. Rogério Soares Brito

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Zélia Malheiro Marques

Prof^ª Dr^ª Zélia Malheiro Marques

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Rozânia Alves Magalhães Silva

Prof^ª Me Rozânia Alves Magalhães Silva

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Quando eu escuto *rap*, eu penso, tipo: eu consigo!

(Froid, 2017)

AGRADECIMENTOS

Sou grata à minha mãe, Adélia, que me ensinou a falar e, desde então, nunca me pede silêncio.

Sou grata ao meu pai, João, a quem puxei a teimosia, sentimentalismo e agressividade necessárias para sobreviver.

Sou grata à minha irmã, Regina, que sempre acreditou na educação e, principalmente, sempre acreditou em mim.

Sou grata ao meu irmão, Rogério, que me levou para casa quando eu desisti e me trouxe de volta quando eu quis recomeçar, dizendo que se eu precisasse, faria tudo outra vez.

Ao meu outro irmão, Jô Arquias, que me aplaudiu e mobilizou uma plateia para vibrar por mim quando eu li, envergonhada e de olhos fechados, meu primeiro texto em público.

Sou grata ao meu outro irmão, Odair (*in memoriam*), por me mostrar a brevidade da vida.

Agradeço aos meus sobrinhos, Grazielle, Lucas e Julha, por me ensinarem a ser paciente, respirar fundo e perceber que tudo é fase. E Vanderson, por aquilo que toca o céu: as orações.

Sou grata à minha namorada, Líslei, que me viu chorar e nunca me mandou engolir o choro.

Sou grata aos meus amigos, Rafael, Andrew e Ana, que me amaram e suportaram mesmo quando nem eu conseguia me suportar.

Sou grata a minha amiga, Brenda, que me obrigou a ler um livro, me apresentou o curso de Letras e nunca me deixou desacreditar de mim.

Sou grata à minha psicóloga, Daiana, que me mostrou que só pode ser curado aquele que quer, e eu quis.

Sou grata ao meu orientador, Rogério, que me aceitou como orientanda e confiou no meu potencial.

Sou grata a mim mesma, pois sem mim, eu jamais chegaria até aqui.

Sou intrinsecamente grata ao Deus que me guia, pois Ele é o responsável por eu ter a quem agradecer.

RESUMO

Este trabalho analisa a música “O Nordeste é a Peste”, do rapper Francisco Igor Almeida dos Santos, o Rapadura. O estudo vem do reconhecimento de que o *rap* constitui também uma forma legítima de literatura, conforme a sua linguagem híbrida, marcada pelo ritmo, poesia e oralidade. A partir do objetivo: analisar como essas denúncias se manifestam na letra e refletem sobre o modo como o *rap*, apesar de historicamente marginalizado, constitui também uma forma legítima de literatura, deu-se a análise da obra, na perspectiva de compreensão do conteúdo da letra, bem como do modo como o rapper utiliza elementos literários e referências culturais para destruir visões estereotipadas sobre a região Nordeste. Discutimos, a partir daí, a forma de denúncia contra o preconceito regional sofrido pelos nordestinos, identificando, na música, ou seja, o *rap*, como pode ser entendido como literatura. Para isso, foi utilizada uma metodologia baseada em levantamento bibliográfico e, sendo análise qualitativa da obra, trouxemos, como referencial teóricos, autores que discutem rap, linguagem, literatura e preconceito regional. A análise mostra que a música retrata experiências individuais, bem como coletivas, fazendo com que essas vivências de dor se tornem expressão artística e crítica. Os resultados mostraram que Rapadura utiliza a linguagem de forma vasta e emprega referências culturais, ritmo, poesia e denúncia para confrontar discursos preconceituosos, valorizando assim o Nordeste como território de conhecimento, de trabalho e de contribuição nacional. Portanto, este estudo reforça, como o *rap* tem caráter literário legítimo, capaz de fazer denúncia social e contribui para futuros debates sobre literatura, *rap* e preconceito regional. Podemos dizer que a música de Rapadura amplia a perspectiva sobre o Nordeste, confronta estereótipos enraizados e revela o *rap* como estilo poético capaz de narrar realidades discriminadas.

Palavras-chave: Preconceito regional. *Rap*. Denúncia. Literatura.

ABSTRACT

This work analyzes the song "O Nordeste é a Peste" (The Northeast is the Plague), by rapper Francisco Igor Almeida dos Santos, aka Rapadura. The study stems from the recognition that rap also constitutes a legitimate form of literature, given its hybrid language, marked by rhythm, poetry, and orality. Based on the objective of analyzing how these denunciations manifest in the lyrics and reflect on how rap, despite being historically marginalized, also constitutes a legitimate form of literature, the analysis of the work was conducted from the perspective of understanding the content of the lyrics, as well as how the rapper uses literary elements and cultural references to dismantle stereotypical views about the Northeast region of Brazil. From there, we discuss the form of denunciation against the regional prejudice suffered by Northeasterners, identifying, in the music, that is, rap, how it can be understood as literature. For this, a methodology based on bibliographic research was used, and, being a qualitative analysis of the work, we brought, as theoretical references, authors who discuss rap, language, literature, and regional prejudice. The analysis shows that the music portrays individual as well as collective experiences, transforming these painful experiences into artistic and critical expression. The results showed that Rapadura uses language extensively and employs cultural references, rhythm, poetry, and denunciation to confront prejudiced discourses, thus valuing the Northeast as a territory of knowledge, work, and national contribution. Therefore, this study reinforces how rap has a legitimate literary character, capable of making social denunciations and contributing to future debates on literature, rap, and regional prejudice. We can say that Rapadura's music broadens the perspective on the Northeast, confronts ingrained stereotypes, and reveals rap as a poetic style capable of narrating discriminated realities.

Keywords: Regional prejudice. Rap. Denunciation. Literature.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. <i>RAP</i> É LITERATURA? | 11 |
| 3. RAPADURA: A VOZ POR TRÁS DA MÚSICA | 14 |
| 4. QUEBRANDO ESTERÉOTIPOS: A DENÚNCIA NA LETRA | 16 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: | 22 |
| REFERÊNCIAS | 24 |

1 INTRODUÇÃO

Em interesse pelo *rap*, buscamos entender sobre este movimento popular, que chegou, ao Brasil, nos anos 1980, em São Paulo, ganhando grande popularidade na década seguinte (Oliveira, 2018). A partir de vivências periféricas e majoritariamente negras, o gênero se consolidou como denúncia de injustiças sociais e expressão política e cultural dos excluídos.

Em entendimento da época de inserção do movimento na sociedade brasileira, recorremos, aos estudos de Salgado (2015), que define *o rap*, como “ritmo e poesia”, o que evidencia sua dimensão literária, fundada no trabalho com a palavra, na construção poética e na oralidade, permitindo-nos deduzir que este gênero possui função pedagógica e social.

Em aceitação da abordagem de Silva (2016), observamos algumas das letras de *rap* e constatamos as denúncias pelas desigualdades, racismo, violência estrutural e preconceitos que atravessam minorias e grupos marginalizados e observamos a importância do uso desses textos em contribuição para formar sujeitos críticos. Então, escolhemos a música de RAPadura que dialoga diretamente com essa perspectiva, uma vez que sua letra se torna espaço de fala e afirmação identitária.

Isso se articula ao que afirma Neto (2024) ao discutir que o Nordeste é historicamente colocado, de fora para dentro, como região subalternizada, ideia essa que o *rapper* confronta, ao apresentar o Nordeste como território de riqueza cultural, saberes, arte e contribuição estrutural para o Brasil. Nesse sentido, a obra de RAPadura se destaca ao unir a crítica social própria do *rap* à identidade nordestina, criando um *rap* que não imita modelos importados, mas nasce profundamente da alma cearense.

Para a fundamentação teórica desta pesquisa, recorremos aos estudos de Bosi (1977), Salgado (2015), Silva (2016), Neto (2024) e Oliveira (2018) e consideramos o que Bosi argumenta, em seu livro *O Ser e o Tempo da Poesia*:

O trabalho poético é às vezes acusado de ignorar ou suspender a praxis. Na verdade, é uma suspensão momentânea e, bem pesadas as coisas, uma suspensão aparente. Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres. Outro alvo não tem na mira a ação mais enérgica e mais ousada. A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar (BOSI, 1977, p. 192).

Isso reflete a ideia de que a poesia pode ser uma ferramenta de denúncia que vai além de narrativas ideológicas opressoras, trazendo assim um desejo de transformação social. Essa forma de expressão se aproxima da práxis, pois é a ação da luta contra a opressão.

Por unir ritmo, poesia e oralidade, o *rap* constitui aquilo que Salgado (2015) chama de “identidade híbrida”. Essa característica permite que o gênero circule entre diferentes campos artísticos, funcionando também como forma de literatura oral contemporânea. Assim, o *rap* é capaz de representar

realidades sociais complexas, traduzir experiências coletivas e provocar reflexão crítica (elementos essenciais do fazer literário). É justamente por essa natureza híbrida que “O Nordeste é a Peste” se torna ponto de articulação entre música e literatura, o que fundamenta a análise proposta neste trabalho.

Em contato com a pesquisa, embora nos apoiemos em outros trabalhos para fundamentar o nosso estudo, este se torna inovador por estabelecer de forma específica o objeto de análise, a música “O Nordeste é a Peste”, o que confere originalidade e relevância à discussão proposta.

Justificamos a escolha dessa obra pela força com que denuncia o preconceito regional contra nordestinos e pela forma como ressignifica visões estereotipadas da região por meio da arte e traçamos o objetivo desta pesquisa, a qual buscou analisar como essas denúncias se manifestam na letra e refletem sobre o modo como o *rap*, apesar de historicamente marginalizado, constitui também uma forma legítima de literatura.

Diante desse contexto, este trabalho se orienta pelo seguinte problema de pesquisa: como a letra da música “O Nordeste é a Peste”, do *rapper* cearense RAPadura Xique-Chico, atua como denúncia do preconceito regional contra nordestinos e de que forma o *rap* pode ser compreendido como literatura?

A partir dessa problemática, de modo mais específico, buscamos apresentar a trajetória do rap, com ênfase na produção de RAPadura Xique-Chico; analisar as figuras de linguagem e os recursos poéticos presentes na letra da música, como metáforas, metonímias e trocadilhos; discutir a relação entre rap, literatura e práxis social, conforme Bosi, ao apresentar a poesia como instrumento de mudança social; compreender o *rap* como forma de denúncia e de afirmação identitária; e investigar como a canção em questão contribui para a desconstrução de estereótipos regionais historicamente associados ao Nordeste.

Para que os objetivos fossem alcançados, o trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com levantamento bibliográfico e análise interpretativa da letra, na intenção de demonstrar que o *rap* não se limita à expressão musical: ele opera como literatura e como instrumento de denúncia social. Nesse sentido, analisar a música de RAPadura é compreender o *rap* como arte que pensa, questiona e transforma. O corpus do estudo é constituído pela letra da música “O Nordeste é a Peste”, lançada em 9 de outubro de 2023 no canal oficial do *rapper* no YouTube.

O trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, discutimos a relação entre *rap* e literatura; em seguida, abordamos a trajetória de RAPadura Xique-Chico, destacando sua identidade artística e sua inserção no *rap* nordestino; posteriormente, desenvolvemos a análise da letra da música “O Nordeste é a Peste”, com ênfase nos mecanismos poéticos e discursivos utilizados à luz da denúncia do preconceito regional; por fim, apresentam-se as considerações

finais, nas quais são expostos os principais resultados da pesquisa e as contribuições deste trabalho para os estudos sobre rap, literatura e preconceito regional.

2 *RAP É LITERATURA?*

A Mc (Mestre de Cerimônia) e poeta mineira, Laura Conceição, num diálogo sobre Hip-Hop, literatura e oralidade junto com a CECOM-UFJF (Centro de Conservação da Memória – Universidade Federal de Juiz de Fora) declara que “O *rap* sofre tanta zoeira que a galera da música fala: “não é música, não”, aí a galera da literatura fala: “não é poesia, não”. Ué, mas é ritmo e poesia!...”. (Conceição, 2025¹).

Partindo desse ponto, o *rap* pode ou não ser entendido como literatura? O estilo musical em questão trabalha diretamente com a palavra, com a poesia e com a oralidade. O próprio nome já deixa isso evidente, como confirma Salgado (2015) em “Entre Ritmo E Poesia: *rap* e literatura oral urbana”, “*rap* significa *rhythm and poetry* – portanto, ritmo e poesia” (p. 151). Ou seja, desde sua origem o *rap* é a união do ritmo com o verso, da regularidade com a palavra poética. O *rap* não é só música, ele é uma arte completa, visto que mistura diferentes linguagens “O *rap* pressupõe a intermedialidade – cruzamento entre música, poesia e performance² – como elemento estruturante no próprio conceito de obra de arte” (2015, p. 151). Isso significa que o *rap* não se limita à letra escrita ou ao som; ele é poesia, performance, palavra falada e sentida.

E, nessa mesclagem, há cuidado com a língua, como diz o texto de Salgado “É igualmente possível detectar no *rap* um esforço de elaboração estética no tocante ao uso da linguagem verbal.” (2015, p. 152). Em esclarecimento dessa ideia, podemos dizer, que o *rap* não fala de qualquer maneira, ele trabalha as rimas³, as metáforas⁴, os trocadilhos, o ritmo da fala, a causa social e o modo como isso irá impactar a sociedade. É uma literatura que se constrói em cima da oralidade.

Essa faceta da oralidade é fundamental, segundo Salgado, o autor de “*Le Rap. Une esthétique hors la loi*”, Christian Béthune lembra que o *rap* é “profundamente influenciado pela

¹ Retirada de seu instagram: @lauraconceicao10

² Assim, performance é, para *Zumthor*, segundo Claudio Cledson Novaes e Paula Rubia Alves (2013), um momento da recepção, uma forma de comunicação poética que envolve a presença física do corpo tanto de um intérprete quanto de quem assiste. Essa troca ocorre em um contexto situacional em que todos os elementos – visuais, auditivos e táteis – se lançam à percepção sensorial em um ato de teatralidade considerado para além do gênero artístico dramático.

³ Segundo Bráulio Tavares em sua obra “Contando histórias em versos” (2005), rima acontece quando há, regularmente, repetições de mesmos sons, ou de sons semelhantes.

⁴ Nelly Novaes Coelho em seu livro “Literatura e linguagem” (1993) diz que metáfora é a mudança de uma realidade para outra, a partir de elementos semelhantes existentes em ambas, em que o conceito real é expresso por um termo ideal que possui conexão através de determinada significação.

tradição oral da cultura africana” já que seu fundamento é a “elaboração oral do pensamento” (2015, apud Béthune 2003, p. 48-51). Então, o rap, igualmente à tradição da oralidade africana, transmite seu conhecimento pela voz, pela memória, pela performance, ou seja, ajuda a pensar e falar, enquanto dinâmicas que acontecem juntas, formando a poesia, exatamente como o *rap* faz.

Ao tratar de temas complexos, como a violência nas periferias, o preconceito regional, como é o caso do rapper RAPadura em seu *rap* “O Nordeste é a Peste”, dentre outros temas sensíveis e estruturais, o *rap* também mostra que é literatura, porque busca de forma artística lidar com experiências coletivas delicadas e dolorosas:

As camadas discursivas encontradas nas letras de *rap* apontam para uma estética do trauma, vez que procuram representar experiências individuais ou coletivas ligadas à violência [...] é claro que há também uma função terapêutica implícita no jogo de enunciação e de encenação do real como proposto pelo rap (Salgado, 2015, p. 154).

Assim, apesar de não ser terapia formal, o rap, quando alguém se sente representado, tem também função terapêutica, com isso, o *rap* transforma a poesia em dor, manifesto e arte, como muito se faz a literatura.

Sabotage, nome artístico de Mauro Mateus dos Santos (1973 - 2003) foi um *rapper* que eternizou a frase “*Rap é Compromisso*” quando, no ano de 2000, lançou seu primeiro álbum de mesmo nome. E, de fato, se pode notar que o *rap* é o compromisso de trazer a realidade para dentro da música, ligando o estilo a um movimento mais amplo nas artes.

O *rap* insiste, muitas vezes, em contar a realidade de quem canta, seja pelo relato pessoal ou pela autoficção. É nisso que o rapper Eduardo Taddeo, ex-integrante do grupo Facção Central, compôs sua música “Castelo Triste”:

Aí Edu, eu preferia nem ter acordado
Sonhei que eu era um jogador fazendo gol no estádio
Corria feito velocista atrás da bola
Sem precisar ser empurrado numa cadeira de rodas...
(Facção Central – 2006)

Esse trecho relata, segundo o próprio *rapper*, a realidade vivida por ele e seu irmão, em entrevista ao *podcast* “Az Ideias” ele conta que a história de sua música é real:

História real. Tanto é que ela começa “Aí, Edu, eu preferia nem ter acordado.” Porque é meu irmão falando comigo. Eu tive um irmão que tinha distrofia muscular. Então, normalmente, quando você tem esse problema, você acaba falecendo com 18 ou 19

anos. Então, o tempo todo, o corpo dele ia atrofiando. Eu que dava banho, eu que dava comida... (Taddeo, 2022, 1:45min).

O *rap* mistura poesia e vida real de tal forma que nem sempre sabemos diferenciar o que é ficção do que é relato pessoal. Isso se conecta com outra característica importante:

a mencionada afetividade oral, que o compatibiliza com o “novo realismo” da literatura e das artes visuais, também manifesta-se de forma representativa no *rap*, sendo mesmo um seu traço identitário enquanto literatura oral urbana, sobretudo pela abertura polifônica encontrada na linha de vozes (Salgado, 2015, p. 155-156).

A citação traz que o *rap* se aproxima do “novo realismo”⁵ da literatura e das artes visuais, uma vez que consegue combinar a representação da realidade com sensibilidade e comoção. A afetividade oral refere-se à forma como o *rap* transmite sentimentos por meio da palavra falada, do ritmo e da entonação, permitindo assim que, quem o aprecia, sinta a experiência cantada. O *rap* também se caracteriza por uma polifonia⁶ de vozes, porque diferentes visões e experiências se revelam na mesma música. Essa combinação de oralidade, emoção e múltiplas vozes torna o *rap* uma literatura oral, que narra a realidade e experiências coletivas de forma artística, emocionante e representativa.

Ademais, sua influência não é só na música:

a influência do *rap* se faz não apenas no âmbito da música. Tirando proveito do fato de ser geneticamente dotado de potencialidades intermédias, o *rap* tem deixado marcas significativas na produção textual da chamada literatura marginal/periférica (Salgado, 2015, p. 160).

Ou seja, ele inspira e até cria movimentos literários inteiros, como o *slam*⁷, movimento que muito se utiliza da performance, pois o corpo do poeta é também seu ponto cênico, em que transmite a emoção daquilo que se recita.

⁵Em Salgado (2015), citando Schollhammer, o novo realismo é de uma tendência que se expressa na vontade de alguns artistas de dialogarem sua literatura e arte com a realidade social e cultural em que existe, trazendo esse contexto na sua obra.

⁶ Paulo Bezerra destaca, em Bakhtin conceitos-chave - Beth Brait (org.) (2005), que polifonia é quando o autor deixa de controlar totalmente as personagens e deixa que cada uma tenha sua voz, consciência e visão de mundo próprias. Em vez de serem “coisas” manipuladas, serão indivíduos autônomos dentro do diálogo da obra.

⁷ D’alva (2011), diz que poderia definir o slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço livre de expressão poética, uma ágora onde questões atuais são discutidas ou até mesmo uma forma de entretenimento, além, é claro, de acontecimento poético, movimento social, cultural, artístico que se expande gradativamente e é celebrado em comunidades em todo mundo.

Por tudo isso, o *rap* é uma arte híbrida, que transita por várias linguagens: o *rap* reafirma, em múltiplos planos, sua identidade híbrida. Ritmo e palavra, música e literatura oral, crônica e poema, autoficção e documentário... (Salgado, 2015, p. 161)

Sendo assim, o *rap* pode ser reconhecido como literatura uma vez que, além de trabalhar a palavra de maneira artística, ele adentra o campo literário. Sua poesia é tão evidente que muitos rappers levaram suas vozes para além da música, como em livros, por exemplo. Eduardo Taddeo (2012), rapper e autor de “A guerra não declarada na visão de um favelado”, e Emicida (2019), também rapper e autor que publicou obras como “Para Quem Já Mordeu Um Cachorro Por Comida até que Eu Cheguei Longe”, entre outros títulos infantis, são retratos demonstrativos de que o *rap* não é apenas música ou oralidade, mas sim literatura, visto que amplia o seu alcance cultural através da escrita de livros. O *rap* afirma sua dimensão literária e funciona como denúncia social capaz de transformar a dor em arte, fazendo com que muitos se identifiquem com sua literatura.

Desse modo, o *rap* não é apenas o campo da oralidade ou música, é também, na verdade, literatura escrita.

3 RAPADURA: A VOZ POR TRÁS DA MÚSICA

Ao entendermos o *rap* como uma forma de literatura, poesia e arte híbrida, é possível observar como esses elementos se materializam em alguns rappers, como o RAPadura Xique-Chico. Sua vida e obra exemplificam o que foi apresentado acima: o *rap* como uma linguagem híbrida, vinda da oralidade, da poesia e da luta social. As informações que aqui foram apresentadas sobre sua história as reunimos a partir do artigo “Arriégua!... o oxente invadiu o *rap*: a nordestinidade reconfigurando o rap” de Wagner Pavarine Assen e Nataniel dos Santos Gomes (2014), mas principalmente a partir de vídeos de entrevistas e *podcasts* em que o próprio RAPadura narra suas experiências, o que reforça a ligação entre palavra, oralidade e vivência pessoal.

Sobre a vida do autor, faz-se necessário indicar uma breve biografia, o que vem dar sustentáculo à escolha do tipo de arte que elegeu para si e, principalmente, como expressão do lugar social onde nasceu e se constituiu como profissional desta área. Franciso Igor Almeida dos Santos, nascido em Fortaleza – Ceará, mais especificamente em Lagoa Seca, em 11 de julho de 1984, se mudou para Planaltina – DF aos 13 anos de idade com seus pais. Lá, recebeu o apelido de “Rapadura”, nascendo seu nome artístico “RAPadura Xique-Chico”.

Ele conta, em entrevista para o Sesc – São Paulo, que, toda vez que ia jogar futebol com a galera da cidade, ainda recém-chegado do Nordeste, comia muita rapadura. Toda vez que alguém o via, o *rapper* estava com um pote do doce, pois, segundo ele, jamais faltou rapadura e farinha em sua casa. Então, para tentar irritá-lo, o chamavam de Rapadura. No momento, realmente o irritava, exatamente por isso o apelido se sustentou e assim é até hoje: “E aí ficou Rapadura. Assumi essa representação, como identidade de si e do povo nordestino. Reconheceu e viu, além da palavra, que o *rap* estava além desse vocábulo “RAPadura”. Viu que se tratava de um elemento que o constituía e disse: “assim como o *rap* está dentro de mim, então tem tudo a ver: tem a doçura e tem a força, tudo na sua medida” (RAPadura, 2022).

E o Xique-Chico? Ele responde: “Rapadura, por essência, porque eu sou doce, mas não sou mole; Xique, por resistência, pois vem da planta xique-xique, que sobrevive à seca do Nordeste; e Chico, por sorte de bênção, já que é o meu nome de batismo: Francisco.” (RAPadura, 2015.)

Pôde verificar sua tendência para a música, porque pertence a uma família com sensibilidade para essa área do saber. Seu pai tocava violão, por isso, desde criança, cantava com ele, quando se mudou para Planaltina, em 1997, conheceu o hip-hop e se apaixonou. Entretanto, o pai dele brigava por ele ouvir e fazer *rap*, pois achava muito violento. O *rapper* retrucava dizendo que não era violência na música, era a realidade cantada. E o pai dele dizia “você faz *rap*, que é uma coisa urbana, mas nunca esqueça suas origens.”

O *rapper*, a partir disso, teve a ideia de juntar o estilo musical que ele gostava com os estilos que os pais gostavam, que eram forró e baião, assim quebrando o preconceito em casa e podendo ouvir seus *raps*. Com isso, se aprofundou também no repente, tanto que ele não chamava seu estilo musical de rap, e sim de “Rapente” - mistura de *rap* com repente.

O *rap*, por si só, muito se parece com o repente, uma arte de improviso cantada, comum no Nordeste, como nos lembra Alves (2013, p. 72) em “Diálogos entre *Rap* e repente: Heterogeneidade discursiva e representação da subjetividade na canção”:

“O *Rap* e o Repente possuem uma característica que predomina no estilo desses gêneros musicais: a pulsação regular mantida pela base instrumental (no caso do *Rap*, a base eletrônica do DJ; no caso do Repente, o instrumental circular da viola, ou a percussão da embolada”.

RAPadura, então, uniu esses estilos, mas não apenas, pois suas músicas muito buscam do maracatu, baião, coco e embolada, trazendo consigo o *rap* com o imaginário nordestino. RAPadura fez uma participação na Faixa 07 do *Cd*: “Aviso Às Gerações”, lançado em 2006 do

rapper brasileiro GOG (Genival Oliveira Gonçalves), marcando seu início no *rap*. Após isso, surgiram seus álbuns:

Fita Embolada do Engenho – primeiro disco (2009). Recebe esse nome, porque RAPadura diz que vem de um termo em inglês *mixtape* (fita misturada), mas ele queria que fosse algo dele, brasileiro, que lembrasse suas raízes nordestinas; por isso *Fita Embolada*; *Acústico Oficina Francisco Brennand* – álbum de O Rappa e RAPadura Xique-Chico (2016); *Santo Forte* – álbum musical de Lucy Alves e RAPadura Xique-Chico (2018); *Universo do Canto Falado* – LP de RAPadura Xique-Chico (2020), indicado ao Grammy Latino. E um filme: *Quebra-Queixo* (2019), dirigido por Ricardo Costa e José Simonetti.

RAPadura escreve músicas que vão de denúncias sociais a temas de amor, sendo exemplo de como o *rap* pode ser marcado por experiências coletivas e causas sociais. Misturando tradição com inovação, *rap* com repente e o Nordeste como inspiração, formou uma poderosa demonstração de arte e protesto.

4 QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS: A DENÚNCIA NA LETRA

Ao analisar letras de *rap*, podemos falar sobre sua beleza poética, mas não apenas, visto que esse estilo musical oferece reflexões críticas e sociais de maneira a honrar culturas e apontar injustiças e preconceitos presentes na visão estereotipada da sociedade. Assim, faz o rapper Francisco Igor Almeida do Santos (RAPadura) que propaga em sua letra “o Nordeste é a peste” a valorização acerca da contribuição do Nordeste para o restante do Brasil, bem como declara, através da música, o orgulho e a persistência contra o preconceito com a região em questão.

Lançada em 9 de outubro de 2023, no canal do youtube “RAPadura OFICIAL”, a música do *rapper* cearense é uma afirmativa do orgulho de ser nordestino, bem como uma forma de denúncia ao preconceito regional histórico. A letra visa exaltar o Nordeste através de sua força e evidenciar a sua importância para o Brasil. Um exemplo de *rap* que revela sua própria vivência e identidade nordestina ao passo em que transforma dor e luta em arte política. No caso do *rapper* RAPadura, sua letra também é uma forma de poesia de denúncia que vai além do imaginário preconceituoso sofrido pelos nordestinos, mas exalta a cultura, tradição e riqueza do Nordeste.

A música “O Nordeste é a Peste”, ao denunciar o preconceito contra o nordestino, se coloca contra a visão preconceituosa imposta por discursos hegemônicos. Assim, como defende Bosi (1977), a poesia da música também projeta no leitor, nesse caso o ouvinte do rap, imagens do Nordeste muito mais ricas e reais do que forjam as ideologias.

Ao relacionar a música à citação "acender o desejo de outra existência, mais livre e mais bela" Bosi (1977, p. 192), é possível perceber uma relação com o *rap* de RAPadura que propõe outra visão e interpretação do Nordeste, em que a discriminação para com a região é desafiada através da valorização da região e dos nordestinos. Nesse caso, a música não é só entretenimento, mas assume um papel ao qual reforça que a arte, no caso, o *rap*, pode ressignificar visões negativas sobre o Nordeste, mostrando como a poesia presente na canção se aproxima de uma produção literária capaz de ampliar formas de interpretar a região.

Dito isso, vamos à análise da música, começando com o verso e como ele se opõe à imagem negativa imposta ao nordeste:

Cansei de escombros em meus lombos
Levando o Brasil nos ombros
(RAPadura, 2023).

Ao cantar "levar o Brasil nos ombros", é possível entender uma referência há muitos estados e regiões que propagam, infelizmente, o preconceito contra o Nordeste. É possível exemplificar aqui que esses estereótipos, embora historicamente refutados, continuam a aparecer em diferentes contextos do Brasil, como no dicionário Aurélio que conceitua "paraíba" como "operário de construção civil não qualificado" (Ferreira, 1986, p. 1266.), ou em notícias recentes como um caso envolvendo a influenciadora Karoline Ribeiro Klaus que repercutiu na mídia: em um vídeo publicado em suas redes sociais, a jovem se expressa de modo que faz-se entender que nordestinos seriam preguiçosos, após reclamar de um problema durante a entrega de uma máquina de lavar por um rapaz nordestino. O episódio, ocorrido em Santa Cruz do Sul (RS), causou grande revolta nas redes sociais e foi amplamente interpretado como um ato de xenofobia contra o Nordeste (BNews, 2025).

Além desse episódio, houve também a exoneração da advogada Flávia Aparecida Rodrigues Moraes da vice-presidência da OAB, mulher de Uberlândia, após publicar um vídeo com declarações preconceituosas contra pessoas do Nordeste, afirmando que "não vai mais alimentar quem vive de migalhas" (G1, 2025). Esses discursos exemplificam como ainda se reproduz uma visão de subalternidade sobre a região, apesar de seu papel central no crescimento econômico e cultural do Brasil, especialmente para São Paulo e especificamente em 1930-1950, em que houve uma migração principalmente urbana durante o período de secas e dificuldades econômicas na região nordestina, assim como diz Carlos Garcia "As secas periódicas e a pequena oferta de empregos nos centros urbanos forçavam o êxodo e transformavam o Nordeste

no grande fornecedor de mão-de-obra não-qualificada às fazendas de café e indústrias do Centro-Sul.” (Garcia, 1984, p. 19).

Esse período contribuiu para a presença de trabalhadores nordestinos impulsionando a industrialização de São Paulo, ou seja, os nordestinos forneceram mão de obra barata e qualificada para as indústrias e fábricas de centros urbanos, sendo assim, muito do crescimento econômico e a prosperidade de algumas cidades foi proveniente desta migração. Então, como pode os nordestinos, segundo as falas da influenciadora Karoline Ribeiro, da advogada Flávia Aparecida e até mesmo do dicionário Aurélio, serem preguiçosos e viver de migalhas se foram eles, explorados muitas vezes, e encontrando emprego na indústria, na construção civil, na agricultura e em outros setores, que exerceram a força de trabalho do Centro-Sul?

Com essa pequena frase, RAPadura consegue levar uma reflexão abrangente sobre o Nordeste ser e ter sido parte essencial do Brasil, refutando falas preconceituosas que reproduzem o contrário disso. Dessa forma, é notório que o Nordeste tem contribuição ativa e necessária para o país, totalmente contrário à imagem de inutilidade divulgada por muitos. Como nos diz Octávio Santiago Neto:

Reposicionar o povo do Nordeste no tabuleiro do Brasil cumpre o propósito de revelar sobre a construção do preconceito dirigido a essa população, bem como o de retirá-la de uma subalternização ditada pelo externo e que foi internalizada. Para a desconstrução do colonialismo, é preciso disposição, para absorver, difundir e se ajustar ao que a história por trás da história é capaz de reorganizar. Isso porque toda revisão que é feita em uma sociedade gera desconfortos, principalmente para os que estão apegados às benesses que a configuração atual possibilita. O desconhecimento é escudo dos privilégios (Neto, 2024, p. 20).

Assim como o *rapper* RAPadura faz em sua música, é necessário destruir a forma estereotipada em que o Nordeste é visto no Brasil, ainda que isso gere desconforto aos ignorantes preconceituosos que possuem uma visão inadequada e pejorativa do Nordeste. Desconstruir a imagem de posição inferior dada aos nordestinos, valoriza sua trajetória histórica no país. É importante não viver na ignorância do colonialismo, como destaca Santiago Neto.

Seguindo com a análise, veremos o ritmo que, juntamente com a poesia, como já dito no trabalho, é o que significa *rap*, e essa característica é notada durante toda a música. Por isso, para destacar melhor a ideia de ritmo, separamos uma das estrofes da música:

Escolas fora de série, faço seus egos verem
A expansão dos seres, não querem saberes sobre alqueires
Fui jogado a sorte lá no Sudeste, é um azar me terem
Meteram o pau no Nordeste, eu meto neles Paulo Freire
(RAPadura, 2023).

Nesta estrofe, notamos o esquema de rima ABAB, esse esquema significa que existem duas rimas: a do verso 1 com o 3 e a do verso 2 com o 4, esses sons que se repetem após um intervalo forma o que chamamos de “ritmo”. Então, ainda que você seja um leitor desatento, sua cabeça vai registrar o som de muitas coisas que passam pelos seus olhos durante a leitura. Quando os sons se repetem em um intervalo curto e, principalmente, se repetem dentro de um padrão, acabam por produzir a impressão de simetria, de ordem ou de harmonia. Por isso, a presença da rima cria ritmo, que, em latim, ambas as palavras significam uma só coisa (Tavares, 2005, p. 36-37).

Ainda sobre a estrofe acima, percebemos, no primeiro verso, a capacidade do eu lírico de desafiar e questionar o estado das coisas no que diz respeito, especificamente, à educação e ao conhecimento do povo nordestino. Ao afirmar que, no Nordeste, há "escolas fora de série", ele sustenta o argumento de que o ensino dos nordestinos é acima da média; por isso, "faço seus egos verem" é uma metáfora para dizer às pessoas que acreditam que o Nordeste é local de ignorância, que, na verdade, é lugar de uma educação superior em relação a algumas outras partes do Brasil.

Conforme divulgado em matéria oficial do GOV (2024), em 2023, dos 18 municípios que alcançaram nota acima de 9 nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Ideb⁸, 17 são do Nordeste, mostrando o avanço educacional da Região. A análise da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) apresenta que 60,7% dos municípios nordestinos melhoraram seus resultados entre 2021 e 2023. O único município do país a atingir nota 10 foi Pires Ferreira (CE), que há 16 anos tinha nota 3,7. Dos 1.794 municípios nordestinos, 20,1% superaram a meta nacional (6) e 57% atingiram a própria meta de 2021, percentual próximo ao Sul (56,7%) e Centro-Oeste (55%), e superior ao Sudeste (36,2%) e Norte (24%). O Ceará se destaca: 83% de seus municípios elevaram suas notas, resultado de investimentos contínuos que geraram uma qualidade generalizada no Ensino Fundamental. Mais da metade dos municípios do Maranhão (78%), Alagoas (77%), Pernambuco (61%), Rio Grande do Norte (61%) e Piauí (56%) também registraram crescimento. Entre as 100 escolas com maior

⁸ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), criado em 2007, reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos de mesma importância para a qualidade da educação, são eles: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>. acesso em: 01 nov. de 2025.

desempenho no Ideb, todas estão no Nordeste: 68 no Ceará, 31 em Alagoas e uma em Pernambuco.

Estes dados demonstram que o Nordeste, especialmente o Ceará, possui educação de excelência, refutando os estereótipos, argumentos impensados e ferindo o ego de pessoas que propagam que a região nordeste é lugar de ignorância. Ele termina a estrofe cantando "meteram o pau no Nordeste, eu meto neles Paulo Freire", ou seja, outra metáfora, "meter o pau" num contexto poético que a música permite trazer, é o mesmo que dizer que discriminaram, falaram mal, duvidaram e ignoraram a capacidade cultural, educacional e histórica do Nordeste. Com isso, como forma de combater e rebater esse preconceito, o *rapper* traz à tona o nome do educador recifense Paulo Freire (1921 – 1997), um dos nomes mais importantes da educação. Com sua pedagogia crítica e libertadora, Freire foi reconhecido como Patrono da Educação Brasileira pela lei nº 12.612 de 2012. Dito isso, percebemos que o Nordeste é um lugar de muito ensino, educação e intelectualidade.

Como argumenta Neto (2024, p. 23):

A ocultação da produção social, cultural e científica nordestina se manifesta com nitidez quando as ofensas se estruturam em argumentos intelectuais, que negam qualquer contribuição dada pelo povo do Nordeste ao saber nacional. Na busca pelo contraponto, as vítimas mais reativas acessam à rota segura do relembrar ao que foi “esquecido” pela ignorância alheia: a música de Gilberto Gil e Caetano Veloso, a obra de Jorge Amado e Ariano Suassuna, a abordagem educacional inovadora de Paulo Freire, os feitos científicos nas universidades, as constantes notas máximas na redação do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, que garante o ingresso de estudantes no Ensino Superior gratuito no Brasil, e outros mais.

Ao destacar personalidades nordestinas, o autor em estudo indica os feitos científicos que constam as notas máximas no ENEM e reforça o que diz o *rapper* Francisco sobre a educação e a cultura do Nordeste, região essa que é terra de grandes artistas intelectuais. O próximo trecho a ser analisado é:

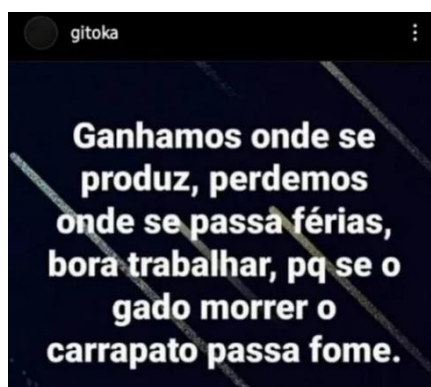
Diz que minha terra é um inferno?
E ainda querem vir passar as férias?
(RAPadura, 2023)

Essa frase sintetiza, de modo perspicaz, uma contradição do preconceito regional no Brasil: o Nordeste sendo alvo de ofensas e, ainda assim, é destino turístico de muitos que o discriminam. Essa afirmação é exemplificada abaixo conforme notícia do G1(2023):

No mês de abril de 2023, a então diretora de responsabilidade social do Clube de Regatas do Flamengo, Ângela Rollemberg Santana Landim Machado, foi indiciada por xenofobia pela Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância do Rio de Janeiro, após uma publicação

em sua rede social que continha frases depreciativas contra nordestinos, logo após o resultado das eleições presidenciais de 2022. Sua postagem foi influenciada pelo seu posicionamento político, pois Ângela apoiava o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, mas, no Nordeste, o atual presidente Lula obteve 69,34% dos votos, o que gerou revolta nela e a fez postar a seguinte mensagem:

Imagem 01 – Postagem da usuária Ângela Rollemberg em seu Instagram.



Fonte: G1

Além de sua publicação comparar os nordestinos a carrapatos, sugerindo que se aproveitam do esforço alheio sem qualquer contribuição, indica ainda que a região é destino apenas para férias, desvalorizando totalmente o valor produtivo do Nordeste ou qualquer outra de suas qualidades, ou seja, a autora da postagem critica, mas assume passar as férias na região criticada, reforçando o que diz a letra de RAPadura.

Finalizando a análise, RAPadura menciona Suassuna, “sou Suassuna no microfone”, fazendo referência a Ariano Suassuna (1927 – 2014), um paraibano cuja figura é uma das mais importantes do Nordeste brasileiro. Escritor, dramaturgo, defensor e expansor da identidade e da cultura popular nordestina em suas obras e suas aulas espetáculos, ele é mais conhecido pela sua peça teatral “O Auto da Compadecida”, que elevou muito da cultura nordestina ao cenário nacional, unindo crítica social e humor num só filme.

Ao cantar “sou Suassuna no microfone”, o *rapper* usa de metonímia⁹, pois utiliza o nome do Ariano para representar, como se fosse a mesma coisa, sua expansão de força cultural do Nordeste. Ao fazer essa referência, o *rapper* traz a ideia de que suas palavras têm a mesma força e representatividade que as de Ariano Suassuna. Ele toma o nome para expressar que o seu *rap* carrega o mesmo impacto cultural para o Nordeste como teve o escritor paraibano, ou

⁹ Segundo a autora Nelly Novaes Coelho (1993), metonímia é um processo de transnomeação, no qual se refere a algo pelo nome de outra coisa que lhe é ligado de forma essencial.

seja, o nome “Suassuna” carrega significado de identidade nordestina e força para expandir os valores do Nordeste. A expressão cantada sugere que o *rap* e o *rapper* possuem o mesmo valor simbólico que o Ariano Suassuna.

Assim sendo, o *rap* que acabamos de analisar demonstra que sua letra não é mera ficção, mas, sim, denúncia e confronto a casos reais de preconceito regional contra nordestinos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, após análise do *rap* “O Nordeste é a Peste” de Rapadura Xique-Chico, possibilitou entender de que forma essa arte contemporânea contribuiu para a denúncia de preconceitos regionais dirigidas aos nordestinos, bem como exemplificar sua maneira de ser literatura. Ao longo do trabalho, buscamos mostrar como *rap* usa de suas ferramentas poéticas para contradizer estereótipos e ressaltar elementos culturais, sociais e históricos que fazem do Nordeste brasileiro uma região grande em riquezas.

Os objetivos estabelecidos foram alcançados ao passo que, na análise da letra, suas referências, os usos da linguagem e seu contexto de produção foram analisados. Ficou evidente que o rapper RAPadura utiliza de figuras de linguagem, a exemplo da metáfora, indicando referências culturais em denúncia de estereótipos que conectam o Nordeste à pobreza ou ao atraso social.

A música mostra a região como um local de criatividade, de diversidade, de luta e de educação essenciais para o país, dialogando assim com as reflexões de Silva (2016), que apresenta o papel educativo do *rap*, e de Neto (2024), que evidencia a construção histórica de visões negativas sobre o Nordeste.

Além disso, o trabalho fortalece a compreensão de que o *rap* pode ser considerado uma forma de produção literária. RAPadura, em sua obra, sendo cuidadoso com a linguagem e com o diálogo de vivências coletivas, aproxima o *rap* de outras formas de expressão da literatura. Deste modo, a discussão sobre as diversas formas de expressão artística e como elas refletem aspectos sociais frequentemente negligenciados é ampliada.

Concluimos, então, que a música “O Nordeste é a Peste” vai além de simplesmente denunciar o preconceito regional; a canção, na verdade, oferece uma gama de interpretações sobre o valor social e cultural da região nordestina, destacando também a importância da região na formação do Brasil. Portanto, este estudo contribui para a reflexão sobre como o *rap* pode incentivar novas perspectivas sobre grupos e regiões que costumam ser mal interpretadas, bem como mostrar que o *rap* possui legítimo caráter literário, ajudando a denunciar e refletir sobre

estereótipos que foram atribuídos erroneamente aos grupos discriminados, principalmente ao Nordeste.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Camila Cristina de Oliveira. *DIÁLOGOS ENTRE RAP E REPENTE: Heterogeneidade discursiva e representação da subjetividade na canção*, ARARAQUARA – S.P., 2013. p. 110.
- ARAÚJO, Tiago Di. *Namorada de jogador de clube pernambucano é acusada de xenofobia contra nordestinos*. Bnews. Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/entretenimento/namorada-de-jogador-de-clube-pernambucano-e-acusada-de-xenofobia-contra-nordestinos-veja-video.html>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- ASSEN, Wagner Pavarine; GOMES, Nataniel dos Santos. *Arriégua!... O oxente invadiu o rap: a nordestinidade reconfigurando o rap*. In: *CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA*, 18., 2014, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF: Sociolinguística, Dialetoologia e Geografia Linguística*. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CIFEFiL), 2014. v. 18, n. 12, p. 166–175
- AZ IDEIAS, EDUARDO TADDEO - Az Ideias Podcast #69. Youtube, 2022. (2:48:40) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V21QAqjPdo&t=3160s>. Acesso em: 01 set. 2025.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 5. ed. reform.
- CONCEIÇÃO, Laura. *Papo sobre HIP HOP literatura e oralidade com a galera do @cecom.ufjf*. Juiz de Fora. 25 jul. 2025. Instagram: @lauraconceicao10. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DMiOCtYxl1X/?igsh=ZjJ5Znlib2I0OW9o>>. Acesso em: 29 nov. 2025.
- ESTRELA D'ALVA, R. *A performance poética do ator-MC*. Dissertação de mestrado. 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 2º edição. revista e ampliada.
- G1. *Diretora do Flamengo é indiciada por xenofobia após atacar nordestinos em post sobre eleição*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/10/diretora-do-flamengo-e-indiciada-por-xenofobia-apos-atacar-nordestinos-em-post-sobre-eleicao.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- GARCIA, Carlos. *O que é Nordeste Brasileiro*. 2 ed. Brasiliense, 1984
- GOV.BR. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. INEP. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>. Acesso em: 30 nov. 2025.

GOV.BR. *Quase 61% dos municípios do Nordeste melhoraram a nota no Ideb em 2023*. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/assuntos/noticias/quase-61-dos-municipios-do-nordeste-melhoraram-a-nota-no-ideb-em-2023>. Acesso em: 30 nov. 2025.

NETO, Octavio Santiago. *A construção do preconceito contra o povo do Nordeste: jornalismo, estereótipos sociais e escrevivências*. Tese em Ciências da Comunicação – Universidade do Minho, Braga, 2024.

NOVAES, Claudio Cledson. ALVES, Paula Rubia. *Performance e Poética da Oralidade, segundo Paul Zumthor*. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista v. 5, n. 1 p. 489-497 jan./jun. 2013.

OLIVEIRA, Paulo Henrique Pinto. *Expressões Identitárias no Rap Nordestino (1997 - 2018)*. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2018. p. 1-84.

RAPADURA. *O Nordeste é a peste*. [S.l.]: YouTube, 2023. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wwn27rvjKsM>. Acesso em: 01 jul. 2024.

SALGADO, Marcus Rogério. *Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana*. SCRIPTA, Belo Horizonte, 2015, v. 19, n. 37, p. 151-163.

SILVA, Pedro Henrique Duarte. *RITMO E POESIA: COMPREENDENDO O RAP ENQUANTO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS*. Rio de Janeiro, 2016

TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos: poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Stefani da Silva Oliveira estudante do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Litaraturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado Versos que Denunciam: O Nordeste É A Peste E O Rap É Literatura é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 14/01/2026



Documento assinado digitalmente

STEFANI DA SILVA OLIVEIRA

Data: 14/01/2026 11:49:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome do(a) Discente: Stefani da Silva Oliveira
Nº de Matrícula: 062210142



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Stefani da Silva Oliveira estudante do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado Versos que Denunciam: O Nordeste É A Peste E O Rap É Literatura é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

() NÃO houve o uso de inteligência artificial

(X) SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita** do texto)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

() revisão linguística do texto

() elaboração de imagens e gráficos

(X) tradução

() Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

DeepL



Documento assinado digitalmente

STEFANI DA SILVA OLIVEIRA

Data: 14/01/2026 11:49:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Caetité, 14/01/2026.

Nome do(a) Discente: Stefani da Silva Oliveira

Nº de Matrícula: 062210142